

## 6.

### Conclusão:

#### E a esperança, onde mora a esperança?

*... uma civilização que deixa insatisfeito um número tão grande de seus participantes e os impulsiona à revolta, não tem e nem merece a perspectiva de uma existência duradoura.  
(Freud, 1926)*

Uma das conseqüências de um estudo sobre a agressividade é que, ao final, nos encontramos às voltas com as questões da relação do indivíduo e a sociedade. O acesso à qualidade de externalidade dos objetos, que se realiza às expensas das moções agressivas, é apenas o primeiro passo rumo às inevitáveis questões que nos são colocadas pela vida societária. Se com o amor conhecemos a segurança de um mundo confiável, posto que já conhecido, com a agressividade corremos o risco de novas descobertas, do contato com o desconhecido. Acontece, no entanto, que somente a partir de uma base segura podemos correr o risco de explorar o mundo, sem estarmos mobilizados pelo medo ou pela vingança.

Para Winnicott, as relações entre o indivíduo e a sociedade é uma conseqüência natural da sua teoria do desenvolvimento emocional, que tem por fundamento o fato da dependência individual. Ainda que o desenvolvimento comporte uma mudança gradativa desde o estado inicial de dependência absoluta, nossa independência é sempre relativa – uma meta nunca atingida de modo absoluto. Daí a sua insistência em pensar a existência humana a partir de uma área intermediária da experiência: o espaço potencial, no qual acontece o paradoxal interjogo entre o indivíduo e o meio que conjuga *holding* – sustentação - e espontaneidade. A imagem que ele nos legou foi a de círculos concêntricos que encontram o seu o centro de gravidade na figura do bebê envolvido pelos braços maternos: os círculos benígnos. Sustentando e protegendo esta unidade-dupla, encontramos o círculo constituído pelo pai e seus substitutos. Por fim, amparando a todos por meio dos mais variados dispositivos e políticas, está a sociedade. Do mesmo modo que não podemos pensar na realização pessoal sem o suporte do meio social, impossível pensar na sociedade independente dos processos (individuais e coletivos) de crescimento dos indivíduos que a compõem.

Winnicott acreditava que tanto o indivíduo quanto a sociedade correm sérios riscos pelo não reconhecimento e respeito desse fato inaugural de nossa existência – a dependência. Nem o declínio da função paterna nem a transformação da estrutura familiar, que encontramos de forma acentuada em nossos dias, diminuem a necessidade absoluta que o bebê tem de receber cuidados humanos adaptados às suas necessidades, nas etapas iniciais do desenvolvimento. Até segunda ordem, a afirmativa de Winnicott continua válida: “*isso que chamam um bebê não existe! O que vemos é a dupla amamentante*” (Winnicott, 1952, p. 165 – o grifo é do autor). Podemos mudar os nomes, mas não podemos mudar o fato: onde houver um bebê em crescimento encontraremos sempre uma organização voltada para a atenção das suas necessidades – chamemos isso de família ou não. Em suma,

Winnicott divisou precisamente na vulnerabilidade do homem o seu verdadeiro potencial para relacionar-se com o outro a partir da necessidade e do desejo, não meramente visando à gratificação autônoma de impulsos compulsórios do id através da cumplicidade com os demais (Khan, 2000, p. 46).

Tanto Freud quanto Winnicott não deixaram de reconhecer a ameaça que a agressividade, inerente à natureza humana, pode representar para a sociedade. Contudo, a maneira como cada um encarou o problema foi bem distinta. Subjacente a essa diferença está o modo como cada um concebe a relação do indivíduo com a cultura. Em Winnicott, a cultura deixa de ser fonte de mal-estar para ser a matéria-prima a partir da qual o processo de tornar-se pessoa se realiza: “ela é o lugar onde simbólico e o pulsional interagem [...] o teatro onde a vida aparece e permanece como testemunho da atividade e engenho humanos” (Costa, 2000, p. 24). Em suma, o “*foyer da capacidade de desejar*” (Idem, p. 26). Foi a partir da noção de fenômenos transicionais que Winnicott buscou redefinir o lugar metapsicológico da cultura, introduzindo a noção de experiência cultural. Na opinião de Khan (2000), este seria o principal legado que ele nos deixou: “Winnicott passou a interessar-se mais e mais por compreender não apenas aquilo que leva o humano a adoecer, mas *aquilo que os leva a nutrir-se ao cuidarem uns dos outros em meio à herança cultural*” (p. 52 – o grifo é nosso).

Para ele, ao falarmos em experiência cultural, o acento deve recair na experiência: “a cultura não é algo exterior ao ‘substrato’ do sujeito e tampouco é o outro da pulsão” (Costa, 2000, p. 24 – o grifo é do autor). Quando utilizamos a palavra cultura

devemos pensar na tradição herdada, “algo que pertence ao fundo comum da humanidade, para o qual indivíduos e grupos podem contribuir, e do qual todos nós podemos fruir, se tivermos um lugar para guardar o que encontramos” (Winnicott, 1967d, p. 138 – o grifo é do autor).

Winnicott concebe a experiência cultural como uma ampliação dos fenômenos transicionais e do brincar, acontecendo, portanto, no espaço potencial entre o indivíduo e o seu entorno: “para todo indivíduo, o uso desse espaço é determinado pelas *experiências de vida* que se efetuam nos estágios primitivos da sua existência” (Idem, p.139 - o grifo é do autor). São essas experiências primitivas que dão ao indivíduo a oportunidade de se sentir integrado à sua linhagem - a tradição que o antecede -, constituindo, assim, o alicerce necessário ao exercício da sua criatividade. Para Winnicott (1967d), “*em nenhum campo cultural é possível ser original, exceto numa base de tradição*” (p. 138 – o grifo é do autor).

A noção de experiência cultural, juntamente com a de brincar, influenciaram de maneira decisiva a maneira de Winnicott conceber a prática clínica. Ainda que essas experiências tenham início nos momentos mais primitivos da existência, de fato elas estão sempre recomeçando, re-inaugurando, desse modo, a possibilidade de um viver criativo para o indivíduo. Vale lembrar que essas experiências apenas acontecem como resultado do sentimento de confiança relacionado à fidedignidade da figura materna. Elas constituem a parte da organização do ego que tem origem nas *experiências* corporais e, não apenas, no funcionamento corporal. Ou seja, são experiências que resultam da intimidade e da continuidade de um contato pessoal a dois. Como observa Costa (2000), Winnicott postula o valor positivo da cultura, demonstrando que esta “pode oferecer saídas criativas às pulsões, capazes de competir com o gozo da crueldade. Por exemplo, os ‘orgasmos de ego’ presentes na fruição de realizações simbólicas. [...] Ela não é só o que diz ‘não!’ à pulsão; é o que diz ‘sim!’ à imaginação criativa” (p. 25).

É importante notar que quando falamos de ação criativa estamos nos referindo às moções agressivas, responsáveis pela manutenção e restauração da continuidade da existência (*going on being*). Para Winnicott, é pelo gesto espontâneo – agressivo por natureza - que o indivíduo ingressa na comunidade dos homens. Sabemos que nesse processo é vital o papel desempenhado pela provisão ambiental: é ela que decide quanto ao

sentido e ao destino desse gesto que, em sua origem, é criativo/agressivo/destrutivo. No tocante ao meio ambiente, tolerância e sobrevivência são as palavras-chaves. Como já vimos, os transtornos da agressividade decorrem da sua inibição: seja por invasão, seja por omissão do meio ambiente.

Entendemos que com a noção de experiência cultural Winnicott reafirma a potencialidade terapêutica do brincar, valorizando, agora, a importância para o indivíduo da sua integração com a tradição que o antecede. Ou seja, a experiência cultural é correlativa ao aparecimento, no indivíduo, do sentimento mais abrangente de pertencer à comunidade dos homens. De certo, trata-se de uma noção muito oportuna, que nos permite uma certa reflexão sobre algumas dificuldades inerentes à atividade terapêutica destinada à populações que se encontram em desvantagem social.

Sabemos que utilização de expressões tais como periferia, população carente ou em desvantagem social é sempre problemática. Qualquer que seja a designação, ela traz a reboque uma certa ordenação viciada expressiva de um pré-juízo e um pré-conceito que não pode ser evitado. Na maioria das vezes, não estamos apenas falando de uma diferença social e cultural: é um verdadeiro abismo social e cultural que se interpõe entre o terapeuta e o paciente.

Será que desvantagem social significa, necessariamente, desvantagem cultural? Para Winnicott, não necessariamente. Como vimos, a experiência cultural que é fundamental para o indivíduo é aquela que o permite integrar-se à tradição que o antecede – *sua* linhagem. Algo que, a princípio, não está vetado ao indivíduo experimentar, mesmo nas populações carentes. O exercício de uma maternagem suficientemente boa não depende exclusivamente das benesses de uma vida abastada. Por mais que essas possam facilitar, resta o empenho (e a sorte) de cada mãe (família) na superação das situações adversas. No entanto, se consideramos o abismo social e cultural que segrega os vários segmentos da nossa sociedade, o esforço materno, por mais que se empenhe, estará sempre fadado a ter o seu alcance limitado. Há uma parte cindida em nossa sociedade, bem como uma modificação em sua organização social que ultrapassa a capacidade de superação de qualquer mãe. Falta-lhe o círculo mais amplo da sociedade a sustentá-la em suas funções

apoiada pelo círculo do pai; do mesmo modo que este, na maioria das vezes, também lhe falta.

Nesse ponto, é importante abrimos um parêntese e tecermos alguns comentários sobre a questão da violência em nossa sociedade. Certamente, trata-se de um fenômeno complexo que não temos a pretensão de esgotar mas, apenas, fazer algumas observações. Recentemente, uma pesquisa divulgada pela Macroplan e pelo Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (Iets) aponta a violência como o maior problema do Estado do Rio de Janeiro<sup>1</sup>: a falta de segurança é a principal queixa de 99% dos entrevistados. Inúmeros estudos apontam para a vinculação entre a expansão do narcotráfico, ocorrida na década de 80, e a disseminação da violência nos laços sociais<sup>2</sup>. Um fenômeno que, por sua vez, deve ser apreendido no contexto da sua emergência: uma sociedade marcada pelo cultivo do individualismo, pelo princípio de mercado, pela lógica do consumo, pelo enfraquecimento do sentido de comunidade e declínio de valores coletivos (Santos, 1995). O resultado é a propagação de padrões de sociabilidade marcados pela violência: “As relações entre os diferentes segmentos sociais nos percursos da cidade acontecem atravessadas pela desconfiança e o temor ao outro, e a juventude pobre é freqüentemente vista como instável e perigosa por essência” (Vilhena, Zamora e Dimenstein, 2005, p.31). Ou seja, a incidência da violência no cotidiano conduz as pessoas – direta ou indiretamente – a adotarem medidas defensivas (protetivas) que têm como principal consequência o esgarçamento do tecido social. Desconfiança mútua e exclusão social permeiam os relacionamentos. Segundo as autoras, o corolário disso é “um confinamento geográfico, político, cultural e subjetivo que produz relações de sociabilidade muito particulares” (Idem). Um padrão que perpassa a todos e contribui para a disseminação silenciosa da violência, em todos os estratos da sociedade. Os canais de comunicação e os espaços de convivência tornam-se cada vez mais restritos, potencializando a distância entre os habitantes. A insegurança torna-se, assim, um solo fértil, propício à proliferação do confinamento subjetivo: “Não só o Estado tem sido falho em cumprir com sua parte no contrato social, como o comportamento da polícia apresenta

---

<sup>1</sup> Informação retirada do Jornal *O Globo* de 15 de Dezembro de 2006.

<sup>2</sup> O advento da venda de cocaína na década de 80 resultou numa corrida armamentista: por um lado, as ‘bocas-de-fumo’ cariocas começaram a se organizar ‘militarmente’, por outro, a repressão policial passa a ter armamentos compatíveis com os da força armada. (Dimenstein, Zamora e Vilhena, 2005).

um histórico de violência letal e corrupção, fazendo com que sejam temidos e detestados nas localidades pobres” (Idem, p. 25). Fecha parêntese.

A partir da observação do trabalho realizado pela Casa da Árvore, constatamos que a conseqüência clínica desse abismo social além de enorme é inevitável. Encontramos uma mobilização exacerbada das moções hostis e agressivas nos participantes dessa experiência, seja na condição de terapeuta, seja na condição de paciente. Por exemplo, é perturbadora a curiosidade compulsiva das crianças sobre os detalhes da vida pessoal dos terapeutas – onde você mora? É casa ou apartamento? Qual é o ‘nome’ do seu carro, quanto ele custa? Você é rica, não é? A diversidade se transforma, assim, em adversidade por não se dobrar tão facilmente aos sentidos e à compreensão: o ódio e a cobiça encontram agora um suporte que é real. Nessa condição, a segurança, oriunda da confiança em um mundo já conhecido está sempre prestes a nos abandonar e nos deixar à mercê da ameaça brutal que advém do contato com o desconhecido, mediatizado por uma cultura (da violência) que incita a desconfiança mútua. O que é deficiente a esses encontros é a mediação de uma cultura mais compassiva e solidária. Além da sorte, do desejo e do empenho pessoal de cada participante, só nos resta como amparo um tecido social e cultural esgarçado, na iminência de se romper.

Desse modo, tocamos no ponto nevrálgico dos dispositivos que se aventuram a um atendimento nessas condições: enquanto terapeutas, estamos constantemente sob a ameaça do excesso das cargas emocionais despertadas. Além da tremenda carga inerente a todo tratamento e, de modo especial, aos casos de tendência anti-social, encontramos a sobrecarga que advém da falta de proteção e sustentação na esfera social. O risco das intervenções (e omissões) mobilizadas pelo ódio ou pelo medo torna-se, assim, uma realidade incontornável. Ou melhor, é a matéria-prima a partir da qual esses encontros se realizam.

O primeiro passo, para a restauração das condições necessárias à realização de um encontro terapêutico, reside no reconhecimento de:

o poder da cobiça e da agressão que todo indivíduo tem que enfrentar dentro do próprio *self*, se quiser parecer civilizado. A maneira mais fácil para o indivíduo é ver as suas partes desagradáveis apenas quando elas aparecem em outras pessoas. O difícil é que

ele veja que toda cobiça, agressão e embuste no mundo bem poderiam ter sido sua responsabilidade, mesmo que o fato em si não o seja (Winnicott, 1940, p. 217).

Reconhecer e aceitar a responsabilidade pela agressividade e a destrutividade que é nossa talvez seja a parte mais difícil nesse tipo de atendimento. Ainda mais quando se trata de uma agressividade e uma destrutividade que são involuntárias e estão relacionadas a questões sociais e culturais. Mais uma vez, vale lembrar que em termos de uma psicologia total, “possuir é tão agressivo quanto apoderar-se vorazmente” (Winnicott, 1950-54, p. 288). O reconhecimento do poder e da importância das moções hostis e agressivas nas questões humanas é vital. Somente por meio dele teremos a chance de encontrarmos algo além da cobiça e do ódio: subjacente à aparência feroz das moções hostis e agressivas, estão os impulsos de um amor primitivo. Segundo Winnicott (1940), “nossa tarefa fica imensamente simplificada se aceitamos o fato de que, em nossa natureza, somos basicamente iguais aos nossos inimigos” (p. 218). Algo que, em determinados momentos, exige deveras do terapeuta para ser sustentado.

O individualismo e o declínio da função paterna são apontados como traços marcantes da nossa sociedade, aos quais atribuímos um valor negativo por contribuírem para o esgarçamento do tecido social. Nesse contexto, gostaríamos de assinalar o que talvez possamos considerar o seu contraponto: as iniciativas pessoais. Do mesmo modo que encontramos uma gama enorme de iniciativas mobilizadas, principalmente, pela tendência anti-social – buscando restaurar uma situação perdida – encontramos aquelas que, das mais variadas formas, aceitam correr o risco de corresponder a esses apelos desesperados, de maneira não reativa, mas criativa. O trabalho realizado pela Casa da Árvore, nesse sentido, é exemplar. Através dele podemos avaliar a sobrecarga emocional que recai sobre cada um dos participantes, em uma experiência que resulta ser não apenas terapêutica, mas também de restauração social e cultural. No entanto, é importante assinalar que a potência dessa experiência somente se atualiza em condições específicas: a de um encontro que se realiza a partir de um contato pessoal – uma intimidade à dois - sob os auspícios da esperança em uma potência transformadora: a vida!

Contando apenas com a sustentação e a proteção de uma instância paterna social e culturalmente debilitada, os participantes dessas iniciativas buscam forjar através e na própria experiência - a partir dos elementos pessoais e culturais de cada um -, a rede de

cuidados e de sustentação que, em alguma medida, é deficiente para todos. A sobrevivência à esse encontro tem como resultado a restauração dos laços sociais enfraquecidos bem como a produção de uma nova cultura, nascida de sentimentos compassivos e solidários. Algo que apenas se realiza na intimidade dos pequenos encontros, às expensas das moções hostis e agressivas – leia-se criativas - que são aí mobilizadas em cada um dos participantes. Vale lembrar, como assinala Costa (2000), que, em Winnicott, “a pulsão agressiva apresenta uma relação agônica com a interdição, da qual depende para se robustecer e à qual fornece a energia necessária ao exercício da coerção” (p. 21). Elas buscam por uma oposição sensível e responsiva que as possa acolher sem, no entanto, deixar de oferecer a resistência necessária e adequada. Nessas condições, “a relação da pulsão [agressiva] com a instância que limita o seu fluxo é de instigação recíproca. Uma incita a outra a se tornar mais forte e expansiva, dando andamento ao movimento criativo” (Idem).

Por mais que possamos promover políticas de incentivo a tais encontros, vale lembrar que é unicamente no plano do contato pessoal que tais mudanças são passíveis de acontecer. Sabemos que a esperança mora no potencial criativo inerente a todo ser humano: no gesto espontâneo que se aventura na busca por novos encontros. No entanto, existe aí um paradoxo que deve ser aceito e não contestado: ainda que seja uma iniciativa pessoal, o gesto espontâneo precisa de um outro ser humano para ser ele mesmo – espontâneo, criativo e em sintonia com os acontecimentos do mundo. Toda iniciativa pessoal é no fundo o resultado de um encontro venturoso.

Ao longo da nossa tese, tivemos oportunidade de avaliar a importância dos cuidados iniciais (maternais e paternos) para a vida de uma pessoa. São eles que propiciam a experiência de onipotência inicial que permite ao bebê vir ao mundo de maneira criativa. Somente nessa condição o mundo poderá ser significativo para ele:

A partir desta experiência de onipotência inicial o bebê é capaz de começar a experimentar a frustração, e até mesmo a de chegar um dia ao outro extremo da onipotência, isto é, de perceber que não passa de uma partícula do universo, um universo que ali já estava antes mesmo da concepção do bebê, e que foi concebido por um pai e uma mãe que gostavam um do outro. Não é a partir da sensação de ser Deus que os seres humanos chegam à humildade característica da individualidade humana? (Winnicott, 2002[68], p. 90).

Sabemos, no entanto, que nem todas as crianças têm a sorte de contar com uma maternagem satisfatória (incluindo-se aí os cuidados paternos) nas etapas iniciais do seu desenvolvimento. Estamos, igualmente, cientes dos transtornos (da agressividade) que decorrem das falhas nesses cuidados. A manutenção das falhas na provisão ambiental só faz acirrar esses transtornos, enrijecendo a organização defensiva que deles resulta. Nesse caso, ainda que a esperança não morra, ela resta em compasso de espera, aguardando pelo momento oportuno para, novamente, renascer por meio de um gesto espontâneo. Quanto mais o transtorno persiste no tempo, maiores serão as dificuldades do seu tratamento.

Ao final, acompanhar de perto os resultados do atendimento realizado pela Casa da Árvore, nos permitiu confirmar a importância de um trabalho que tem na criança o seu centro de gravidade. Não temos dúvida de que a promoção de uma política de atenção à infância resulta em um trabalho efetivo de prevenção em saúde mental, principalmente, no tocante à prevenção da violência, da delinquência, dos distúrbios de conduta de caráter compulsivo e das doenças psicóticas. Seja pela valorização e promoção das condições necessárias para que estes cuidados se transformem em uma realidade efetiva desde a gestação; seja pela criação de dispositivos que possam auxiliar as crianças e seus cuidadores a transpor as inúmeras dificuldades inerentes à vida e ao viver. Em nome de todas as crianças, de hoje e de amanhã, re-lançamos, mais uma vez, o apelo do *rapper*, na esperança de que não falte a nenhuma delas o amparo necessário, imprescindível à experiência inaugural que nos permite vir ao mundo de forma criativa: “*queria que Deus ouvisse a minha voz e transformasse aqui no mundo mágico de oz... Hey mano, será que ele terá uma chance?... eu penso que poderia ser um filho Meu, moro?*” (Racionais MC’s).